

ESTUDANTE: \_\_\_\_\_

## Leitura de um poema de Manuel Bandeira

Clarissa Lúcio Matias Ribeiro

Ao longo da história da literatura, vários movimentos de natureza crítica ou teórica voltados para o fazer literário foram observados. Os primeiros destes podem ser encontrados em obras clássicas como *Ilíada* e *Odisséia*, mas, afirma Roberto Acízelo de Souza: “não têm nenhum compromisso com a sistematização de conceitos”, são apenas comentários (metalingüísticos) surgidos com o próprio desenvolvimento do texto.

No século V a. C., derivam da filosofia a retórica e a poética. Duas disciplinas com a proposta de realizar a organização dos estudos da linguagem. Durante muito tempo, elas foram as únicas, até que no séc. XVIII, com o surgimento de novas concepções literárias, são superadas. E aqui chamamos a atenção para algo que afirma Acízelo: “Na verdade, no setor das ciências humanas, os modelos explicativos que se sucedem não chegam a invalidar os anteriores, (...)”. Dessa forma, podemos considerar que essas disciplinas não foram totalmente extintas, mas sim que irão conviver (embora com baixa expressão e alteração em seus significados) com as novas áreas de estudo.

Dentre as novas disciplinas surgidas estão a estética e a história. Esta última assumiu papel importante nos mais variados ramos de pesquisa, incluindo o literário. Ela foi recebida pelos estudiosos praticamente como a disciplina que faltava para que todas as coisas fossem explicadas.

No séc. XX, em contraposição ao modelo historicista aplicado à literatura surge a crítica textual (Poética), apoiada nos novos estudos da etnologia literária e, principalmente, na lingüística. O desenvolvimento dessa crítica é atribuído, especialmente, às contribuições de Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e Roman Jakobson. Este último fazia parte da escola formalista russa.

Jakobson e os demais formalistas defendem que o objeto de sua crítica é a literariedade, aquilo “que torna uma determinada obra uma obra literária”, e que a própria estrutura lingüística da obra é suficiente para revelá-la. B Eikhenbaum escreve em seu texto “A teoria do ‘método formal’”: “O que nos caracteriza é o desejo de criar uma ciência literária autônoma a partir das qualidades intrínsecas dos materiais literários (...) Nós colocávamos, e colocamos ainda como afirmação fundamental, que o objetoda ciência literária deve ser o estudo das particularidades específicas dos objetos literários, distinguindo-os de qualquer outra matéria”.

Este ensaio é uma tentativa de revelar por meio de um poema de Manuel Bandeira, “Momento num café”, os princípios da crítica textual, especialmente os levantados pela escola formalista russa. Portanto, aplicando ao poema a teoria formalista e observando os níveis de construção do texto, façamos uma tentativa de “escrever a leitura” (Barthes).

Começamos pelo título, ele é sugestivo, mas ao mesmo tempo não parece tão interessante a uma primeira vista. Costumamos associar a poesia a questões sentimentais (temos razões para isso) e, quando lemos “Momento num café” não imaginamos de que forma o poeta irá nos falar de sentimentos, ou melhor, despertar nossos sentimentos. Logo em seguida, no primeiro verso, Bandeira já quebra com a banalidade de um momento num café inserindo no texto a palavra “enterro” (se é que a morte não é banal). Essa palavra pode ser tomada como uma indicação de que o poeta não pretende falar sobre coisas tão simples.

Em seguida, tomamos conhecimento de que havia vários homens no café no momento em que passa o enterro e, que estes são capazes de um ato insensível, mecânico: tirar o chapéu maquinalmente. “Maquinalmente” marca uma tensão no texto, pois, diante de um momento de extrema comoção, alguns agem como máquinas, “saudaram o morto distraídos”. A distração de cada um era pela vida, “estavam todos voltados para a vida” e não apenas voltados para ela, como também concentrados nela, confiantes nela (versos 6 e 7). A vida deveria estar tão tranqüila, sem apresentar riscos que todos esqueceram que eram humanos e que teriam o mesmo fim daquele (“morto”, sem nome) que passava por ali carregado no caixão.

Mas, no meio dos homens do café, um apresenta respeito pela cena que contempla, pois “se descobriu no gesto largo e demorado”. Aliás, a demora do seu gesto pode ser denunciada pelos versos da segunda estrofe que descrevem a cena, eles são mais cumpridos que os das outras duas estrofes e, também, pela escolha da palavra “longamente” (verso 9). Poderíamos dizer que aquele homem, pelo menos naquele momento (o ser humano é inconstante), era compreensivo e sensível, e único. Ele sabia que a vida é passageira e efêmera e que, ao seu ver, não tem finalidade, pois tudo que adquirimos e construímos, vai ser deixado na terra, não levamos nada para além da vida (para a morte).

E aqui interrompemos a análise do poeta para informar que esse contraste, que acabou de ser descrito, entre os homens indiferentes e o homem sensível pode ser considerado o principal procedimento de singularização utilizado por Bandeira para provocar em nós estranhamento e gerar a desautomatização.

Chklovski em seu estudo “A arte como procedimento” nos apresenta os conceitos de singularização, de estranhamento e de desautomatização. O objetivo do primeiro é nos fornecer uma visão das coisas e não o reconhecimento delas. Essa visão é atingida através da sensação de estranhamento. O poeta joga com as palavras e cria uma língua estranha. Chklovski ainda, nesse texto, chama a nossa atenção para o fato de que nossas vidas são marcadas pela obtenção de hábitos e que as ações transformadas em hábitos tendem a se tornarem automáticas. Dessa forma, ele introduz a noção do automatismo, que se manifesta inclusive no uso da linguagem.

O papel da poesia (da arte em geral) seria justamente desautomatizar nossa percepção. Além disso, podemos dizer que o fazer poético é um trabalho duplamente desautomatizador, uma vez que libera da automatização a própria linguagem, numa “trapaça salutar” (Barthes), e também, a visão (percepção) das coisas, que está comprometida pelo hábito.

“Momento num café” nos permitir perceber muito claramente a desautomatização, pois apresenta uma peculiaridade: nele Bandeira provoca o despertar de nossa percepção através da observação de que seu “personagem principal” teve sua percepção liberada. Despertamos porque percebemos que o homem do poema foi despertado. A isso poderíamos chamar de uma metadesautomatização.

Retomemos agora o momento em que foi dito nesse ensaio que o poeta joga com as palavras e cria uma língua estranha. Essas variações do uso comum da linguagem, encontradas principalmente nos textos poéticos, ocorrem pelo uso da função poética da linguagem. Poderíamos dizer que esta, de acordo com Jakobson, consiste no “enfoque da mensagem por ela própria”. A função poética está fundamentada em dois pilares, a seleção (eixo paradigmático) e a combinação (eixo sintagmático).

Para produzir os efeitos desejados em seu poema, Manuel Bandeira selecionou as palavras e as combinou, como exemplo, tomemos o verso 8: “Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado”. Ao selecionar a expressão “se descobriu”, Bandeira poderia estar querendo provocar nos leitores a sensação de que o que aconteceu com o homem não foi um ato voluntário, reforçando a idéia de que o ser humano tende a ser insensível. A escolha realizada pelo poeta é o exercício da função poética.

Diante disso, o poema “Momento num café” que num primeiro instante pareceria não ser interessante, revela-se muito rico, após uma leitura cuidadosa e a observação dos princípios formalistas em sua estrutura. E, apesar de simples como é típico do estilo de seu autor, pode nos proporcionar prazer. O prazer que nos leva à perda, ao despir-nos daquilo que é medíocre. Ele surpreende àqueles que acreditam que é de grandes coisas que se faz a vida e nos ensina (duplamente) a sermos sensíveis.

### **Bibliografia**

BANDEIRA, Manuel. *Meus poemas preferidos*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004 (Coleção Prestígio).

SOUZA, Roberto Acízelo de. *Teoria da literatura*. In: JOBIM, J. L: (Org). *Palavras da Crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 367-389. (Pierre Menard).  
TADIÉ, J. *A crítica literária no século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.  
TOLEDO, Dionísio de Oliveira (org.). *TEORIA DA LITERATURA: FORMALISTAS RUSSOS*. Porto Alegre: Editora Globo, 1971.

\*\*\*\*\*

### **Momento num café**

Quando o enterro passou  
Os homens que se achavam no café  
Tiraram o chapéu maquinalmente  
Saudavam o morto distraídos  
Estavam todos voltados para a vida  
Absortos na vida  
Confiantes na vida.

Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado  
Olhando o esquife longamente  
Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade

Que a vida é traição  
E saudava a matéria que passava  
Liberta para sempre da alma extinta.

Manuel Bandeira